

A close-up photograph of a camera lens, showing the intricate details of the glass elements and the metal housing. The lens is slightly out of focus, with a soft, greenish tint. In the center of the lens, there is a clear reflection of a person, likely a reporter, standing in a professional setting. The background is dark and indistinct, emphasizing the lens as the central subject.

PROFISSÃO REPÓRTER

em diálogo

Rosana de Lima Soares e Mayra Rodrigues Gomes (orgs.)

caderno de resumos

SÃO PAULO
2013

alameda



Rosana de Lima Soares

Mayra Rodrigues Gomes

(organizadoras)

***PROFISSÃO REPÓRTER EM DIÁLOGO
CADERNO DE RESUMOS***

1ª edição

ISBN: 978-85-7205-110-1

São Paulo – SP

ECA - USP

2013

PROFISSÃO REPÓRTER EM DIÁLOGO

Rosana de Lima Soares e Mayra Rodrigues Gomes (orgs.)

Autores

Andrea Limberto, Cíntia Liesenberg, Cláudio Rodrigues Coração, Daniele Gross, Eliza Bachega Casadei, Esther Hamburger, Fernando Resende, Henri Gervaiseau, Ivan Paganotti, Juliana Doretto, Márcio Serelle, Mariana Tavernari, Mariana Duccini, Mariane Murakami, Mayra Rodrigues Gomes, Neide Arruda, Paula Paschoalick, Rafael Duarte Oliveira Venancio, Renata Carvalho da Costa, Rosana de Lima Soares, Vera Lúcia Follain de Figueiredo.

P964 Profissão repórter em diálogo : caderno de resumos
/ Rosana de Lima Soares, Mayra Rodrigues Gomes
(organizadoras) – São Paulo : ECA/USP, 2013.
54 p.

ISBN 978-85-7205-110-1

1. Telejornalismo – Brasil 2. Programas de televisão – Brasil 3.
Emissoras de
 televisão – Brasil 4. Profissão repórter (programa) I.
Soares, Rosana de Lima
 II. Gomes, Mayra Rodrigues

CDD 21.ed. – 070.190981

Livro:

Editora Alameda (São Paulo, 2012)

Publishers: Joana Monteleone/Haroldo Ceravolo Sereza/Roberto Cosso

Edição: Joana Monteleone

Editor assistente: Vitor Rodrigo Donofrio Arruda

Projeto gráfico e diagramação: Vitor Rodrigo Donofrio Arruda

Revisão: João Paulo Putini

Assistente de produção: Allan Rodrigo/ João Paulo Putini

Imagem da capa: Disponível em <<http://sxc.hu>>

Preparação e revisão (MidiAto): Mariana Duccini

Padronização e edição (MidiAto): Andrea Limberto e Daniele Gross

Caderno de Resumos:

Concepção gráfica e diagramação: Paula Paschoalick

Padronização e edição: Andrea Limberto

Capa: Editora Alameda

*“O presente caderno de resumos apresenta sumariamente os trabalhos publicados na obra
Profissão Repórter em Diálogo (São Paulo: Alameda, 2012)”*

Apoio:



Sumário

- p. 8* **Apresentação**
- p. 13* **Profissão Repórter: um panorama**
Daniele Gross e Paula Paschoalick
- p. 15* **Entrevista e seus personagens: a construção por meio do protagonismo do repórter**
Juliana Doretto e Renata Carvalho da Costa
- p. 18* **Os desafios da reportagem e a retórica das paixões**
Neide Maria de Arruda
- p. 21* **De Linha Direta a Profissão Repórter: margens cambiantes do telejornalismo**
Rosana de Lima Soares
- p. 25* **O Aprendiz da Profissão Repórter: o ethos da competição/colaboração no lugar dos bastidores**
Ivan Paganotti
- p. 29* **O fascínio pela realidade abrupta e a demanda pelo comodismo familiar**
Cláudio Coração

- p. 31 Um lugar para o repórter: representação social, protagonismo do testemunho e subjetividade em presença
Mariana Duccini
- p. 35 Jornalismo e imaginação melodramática: representações negociadas em Profissão Repórter
Mariane Harumi Murakami
- p. 39 O testemunho do fato: estratégias retóricas em programas jornalísticos
Eliza Bacheга Casadei e Rafael Duarte Oliveira Venancio
- p. 43 Íntimo e pessoal: rostos de personagens em close
Andrea Limberto Leite
- p. 47 Os desafios da convergência, os bastidores dos bastidores: deslizamentos narrativos em mídias digitais
Mariana Tavernari
- p. 51 Quando a notícia vai além: desdobramentos e ancoragens no jornalismo contemporâneo
Cíntia Liesenberg

Apresentação

MidiAto

Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas

agosto de 2013

Este *Caderno de Resumos* tem o objetivo de apresentar de maneira sumária os conteúdos do livro *Profissão Repórter em Diálogo* (São Paulo: Alameda, 2012), organizado por Rosana de Lima Soares e Mayra Rodrigues Gomes. Nele é possível conhecer uma síntese dos artigos desenvolvidos a respeito do programa televisivo em questão, analisado sob perspectivas dos estudos de mídia, de linguagem e do audiovisual. A apresentação que se segue, publicada no livro, descreve como estão organizados os capítulos da obra e seus conteúdos, apontando para os resultados das pesquisas realizadas.

A proposta do livro no âmbito dos estudos de linguagem e práticas midiáticas visa à consolidação de espaços para a discussão dos temas e práticas dentro do campo mais amplo da comunicação, mas que tenham como vetor as produções recentes da área desenvolvidas sob o enfoque dos estudos de discurso e narrativa. De forma mais específica, apresentamos como tema central artigos em torno do programa jornalístico *Profissão Repórter*. Programa jornalístico produzido pela Rede Globo de televisão, *Profissão Repórter* teve a exibição de seu episódio piloto na noite de 28 de abril de 2006. Meses depois, em 07 de maio, passou a fazer parte do *Fantástico*, revista eletrônica dominical, exibido pela mesma emissora, com duração média de dez minutos. Em 03 de junho de 2008, o sucesso do quadro garante um lugar fixo na grade da emissora, passando a ser exibido nas noites de terça-feira, com duração de 25 minutos. Em 2007, também foram apresentados alguns especiais – todos nas noites de quinta – e com duração em torno de 35 minutos.

Como programa com horário próprio e que ainda segue em exibição até o presente momento, Profissão Repórter tem como proposta expor as ações por trás das câmeras, tentando, assim, revelar os modos de fazer do jornalismo. Dirigido e comandado pelo jornalista Caco Barcellos, apresenta uma equipe de jovens repórteres que têm como desafio mostrar diferentes ângulos de um fato. No espaço consolidado dos programas jornalísticos televisivos – hoje mais numerosos do que quando Profissão Repórter começou a ser televisionado –, este surge como marco de inovações técnicas, estéticas e narrativas. Retomamos uma espécie de *bordão*, insistentemente repetido tanto nas exibições de televisão, como em seu site na internet, e que reforça a importância de dedicar-lhe esta obra: “Encontrar nossas histórias nos conflitos, nas alegrias, nos dramas que as pessoas vivem. E é na rua, na hora de gravar, que vamos descobrir as dificuldades de fazer a matéria”. Desse modo, o programa toma para si o seguinte objetivo específico: apreender seus próprios processos de produção, remetendo a um jornalismo que pensa a própria consciência e coloca em questão os problemas do conhecimento jornalístico.

Seu princípio norteador, assumindo a possibilidade de revelar elementos de sua própria feitura, tem sido identificado como um fenômeno relativamente recente e faz parte, também, da criação de um número de produções televisivas (jornalísticas ou não) com as quais o podemos relacioná-lo. Para complementar o debate, podemos afirmar que muito embora existissem estratégias autorreferenciais do jornalismo televisivo desde, ao menos, a década de 1950, uma utilização mais abrangente destes recursos é um fenômeno recente e que se expande para além do programa Profissão Repórter, a partir de uma rede que envolve tanto os próprios programas jornalísticos quanto atrações cômicas e agentes publicitários. Assim, *Profissão Repórter em Diálogo* analisa, sob diversos aspectos e perspectivas, este programa jornalístico, buscando, em uma abordagem crítica, os elementos que remetem a um jornalismo que demonstra pensar a si próprio e volta ao outro presente em suas narrativas. Procura, ainda, esmiuçar as formações discursivas, os elementos de recepção, as estratégias retóricas, os jogos de linguagem e as construções narrativas nele envolvidas, bem como a sua interconexão com outros programas televisivos e com outras plataformas midiáticas.

Os artigos publicados são derivados do I Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas – Profissão Repórter em Diálogo, realizado em março de 2011 por MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas, sediado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A miríade de perspectivas revela Profissão Repórter a partir de seu relacionamento com o cânone jornalístico, com a utilização da linguagem audiovisual, com a estrutura específica de sua narrativa e o que a extrapola, envolvendo a relação com outras mídias. É na iniciativa de debate e de reportagem que se aproximam *Jovens pesquisadores, jovens repórteres*, como indica o prefácio de Esther Hamburger.

A primeira parte do livro, Linguagem e Práticas Midiáticas, é dedicada a explicitar as bases deste encontro profuso, *Sob a ótica das ciências da linguagem*, como observa Mayra Rodrigues Gomes. Iniciando as análises, Henri Gervaiseau nos oferece suas *Impressões de passagem*, as primeiras sobre o conjunto dos episódios de Profissão Repórter. Completando uma visão geral sobre o programa, Daniele Gross e Paula Paschoalick apresentam em *Profissão Repórter: um panorama* resultados de um banco de dados de preenchimento coletivo, dados esses utilizados para uma abordagem quantitativa, que serviu de embasamento a outras pesquisas qualitativas.

A partir desse ponto podemos seccionar as perspectivas apresentadas em partes significativas, referindo-se a aspectos que foram privilegiados nos diversos artigos. Sua indicação como programa jornalístico, remetendo ao cânone dessa prática profissional, forma a segunda parte, Profissão Repórter e a Produção Jornalística. Ela é aberta por Fernando Resende, pensando a narrativa jornalística audiovisual como espaço de fricção, em *Para um jornalismo de fricção: a delicadeza de não ter o que dizer*. A figura do jornalista ganha destaque como personagem na narrativa jornalística e é problematizada no método da entrevista em *Entrevista e seus personagens: a construção por meio do protagonismo do repórter*, de Juliana Doretto e Renata Carvalho da Costa. Concentrada ainda na figura do jornalista, Neide Arruda preocupa-se com os movimentos persuasivos dos repórteres para além da cena em *Os desafios da reportagem e a retórica das paixões*.

Na terceira parte, Profissão Repórter e a Cena Audiovisual, a perspectiva dos estudos de audiovisual ganham destaque, reforçando também as articulações do programa a tal linguagem. Vera Lúcia Follain de Figueiredo abre caminho no debate sobre a narração e a questão das mediações em *Cena desdobrada: o palco dos bastidores*. No caminho pavimentado pelas teorias da enunciação, Rosana de Lima Soares realiza uma análise contrastiva em *De Linha Direta a Profissão Repórter: margens cambiantes do telejornalismo*, ambos identificados com propostas inovadoras em termos jornalísticos e abordagens que valorizam o caráter narrativo de seus relatos. Da mesma forma, Ivan Paganotti realiza uma aproximação em *O Aprendiz da Profissão Repórter: o ethos da competição/colaboração no lugar dos bastidores* entre programas que mostram os desafios do cotidiano profissional de agentes midiáticos – jornalistas ou publicitários. Cláudio Rodrigues Coração problematiza a ideia de realidade, ou de “real”, e a fantasmagoria da imagem como invólucro em *O fascínio pela realidade abrupta e a demanda pelo comodismo familiar*.

Na quarta parte, Estratégias Narrativas em Profissão Repórter, adensamos as argumentações sobre as formas narrativas do programa em questão. Márcio Serelle pensa os afetos e a empatia, bem como os jogos de linguagem e de poder que permeiam narrativas em *Profissão repórter revisitado: as dimensões do afeto*. O contato entre jornalismo e documentário enquanto gênero nas formas de instalação de um ponto de vista subjetivo, recoberto por um efeito de autoridade/autorização, é abordado por Mariana Duccini em *Um lugar para o repórter: representação social, protagonismo do testemunho e subjetividade em presença*. Mariane Murakami discute, por sua vez, a possibilidade de uma leitura documentarizante ou de uma leitura fictivizante – aproximando o programa ao gênero do melodrama em *Jornalismo e imaginação melodramática: representações negociadas em Profissão Repórter*. Os recursos narrativos ganham forma na sua identificação retóricas em *O testemunho do fato: estratégias retóricas em programas jornalísticos*, de Eliza Bachega Casadei e Rafael Duarte Oliveira Venancio.

A quinta parte, Convergências Midiáticas em Profissão Repórter, expande a relação do programa com outras mídias, incluindo uma identificação com o recorte do

rosto humano em close no cinema e na televisão, por Andrea Limberto, em *Íntimo e pessoal: rostos de personagens em close*. No caso de *Os desafios da convergência, os bastidores dos bastidores: deslizamentos narrativos em mídias digitais*, de Mariana Tavernari, a aproximação é feita com as mídias digitais buscando transmediações e convergências. A seção é encerrada com o artigo de Cíntia Liesenberg, tratando a observação de estratégias de ancoragem social a partir das notícias em *Quando a notícia vai além: desdobramentos e ancoragens no jornalismo contemporâneo*.

Por meio de diferentes vieses e visadas, esperamos que o livro possa contribuir para o debate da cena audiovisual, das práticas midiáticas e dos estudos de linguagem por meio das análises de um discurso ao mesmo tempo coerente e difuso, nas imbricações da televisão e do jornalismo, tessitura que se entrelaça, de modo exemplar, em *Profissão Repórter*.

Profissão Repórter: um panorama

Daniele Gross e Paula Paschoalick

O ponto de partida para a realização das pesquisas sobre o programa Profissão Repórter foi o desenvolvimento de um banco de dados *online*, de arquitetura e preenchimento coletivo, que permitiu ao grupo de pesquisadores uma expressiva coleta de elementos sobre nosso objeto de análise. O cadastro das informações serviu tanto para uma abordagem quantitativa de Profissão Repórter, quanto como base para as diferentes pesquisas de caráter qualitativo que foram apresentadas no I Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas – Profissão Repórter em Diálogo, realizado em março de 2011.

Esse percurso de construção do nosso corpus de pesquisa deu-se em etapas. A partir do recorte de cada uma das propostas de análise apresentadas pelos pesquisadores definiram-se os questionamentos que deveriam aparecer na arquitetura do banco de dados. Sua estrutura final ofereceu subsídios para a formatação de um formulário com interface publicada na internet, facilitando sua alimentação por pesquisadores que estavam à distância.

Essa estratégia de trabalho permitiu que a enquete digital fosse aplicada ao universo total de programas apresentados, desde o surgimento de Profissão Repórter, em março de 2006, como um quadro da revista eletrônica dominical Fantástico, até o momento do encerramento da nossa coleta para início das análises, com a última apresentação em 2010 – 4 anos pesquisados, 149 edições do programa mapeadas.

Consolidado nosso corpus de investigação, as pesquisas em andamento solicitaram cruzamentos entre elementos desse acervo, cujos resultados delineavam características que emergiam desse mapeamento do objeto de pesquisa.

Dentre as informações levantadas destacamos o perfil da equipe do programa; o escalonamento das grandes temáticas abordadas e sua preponderância no universo analisado, assim como dos subtemas que mais aparecem no período; o uso de elementos do universo de produção jornalística e o levantamento das reportagens conforme sua distribuição de interesse pelas cinco regiões geográficas do país.

Os resultados desses cruzamentos foram disponibilizados também pela internet ao conjunto de pesquisadores do grupo como subsídio para suas análises. Foi também a partir desse universo de dados que formatamos gráficos e tabelas que ilustram esse artigo e serão também disponibilizados para o público através da rede internacional de computadores.

Neste trabalho apresentamos em detalhes o percurso de montagem do banco de dados e os resultados quantitativos que essa coleção de informações consolidadas nos apresentou, traçando um panorama deste programa televisivo jornalístico.

Referências bibliográficas

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. "Análise de conteúdo". In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006.

GODOY, Arilda Schmidt. "Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais". *Revista de Administração de Empresas*. Vol. 35, n. 3, mai.-jun. 1995, pp. 20-29.

MINAYO, Maria Cecília de S. e SANCHES, Odécio. "Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?". *Caderno de Saúde Pública*. Vol. 9, n. 3, 1993, pp. 239-262. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso: 10/02/2011.

RUIZ, Fernando Martinson. "Pesquisa qualitativa e quantitativa: complementaridade cada vez mais enriquecedora". *Administração de Empresas em Revista*. Curitiba: Faculdades Integradas Curitiba. Ano 3, n. 3, 2004, pp. 37-47.

Entrevista e seus Personagens: a construção por meio do protagonismo do repórter

Juliana Doretto e Renata Carvalho da Costa

O programa Profissão Repórter tem a proposta de desmistificar a figura do jornalista, mostrando as dificuldades do seu trabalho. Suas pautas têm como carro-chefe histórias de vida – e, por consequência, a entrevista é seu principal método. Jovens repórteres, capitaneados por um jornalista experiente, conversam com suas personagens no local e no instante onde ocorre a ação. Utilizando as teorias disponíveis sobre a entrevista como método de pesquisa e jornalístico, o artigo faz uma análise de 12 episódios, em distintas fases do programa: quando ainda era um quadro dentro do Fantástico e quando se tornou produção independente, cujos episódios abrangem o período de 2008 a 2010.

Entre as teorias abordadas está a de Cremilda Medina, que, retomando Martin Buber e Edgar Morin, diz que a entrevista é um momento de interação social entre repórter e entrevistado, um encontro que, para acontecer plenamente, deve modificar os dois agentes da conversa. Ela afirma que, nesse diálogo aprofundado, intenso e respeitoso, o jornalismo caminha para o desvelamento da realidade, dentro, é claro, das possibilidades da investigação jornalística (que sempre poderá entender/apreender, no máximo, um pequeno recorte da realidade e ainda assim com falhas, já que não é possível esgotar todas as fontes envolvidas no processo). É mergulhando nas personalidades, nos conhecimentos de cada pessoa a ser entrevistada, que o jornalista consegue avançar na revelação possível do fato ao seu leitor (já que esse acontecimento é sempre

formado por ações e compreensões humanas). Isso não significa que o repórter deva ser ingênuo e fugir das perguntas constrangedoras ou do enfrentamento, mas, sim, que isso deva ser feito com questões inteligentes, elaboradas por meio de pesquisa intensa e uso adequado da linguagem (ou seja, por meio de técnicas jornalísticas). Assim, não há protagonismo único, mas compartilhado, entre entrevistador e entrevistado. Porém, para a autora, essa entrevista transformadora ainda está longe do jornalismo brasileiro: “Esta prática jornalística atrasada se configura como monológica, ainda que se mascare de ‘pluralidade’ nas entrevistas editadas. Para romper esta estrutura — a da ditadura da oferta —, só detonadores de modernização tanto na sociedade brasileira quanto na comunicação coletiva” (MEDINA, 2002: 26).

Acreditamos, portanto, que não é possível haver a entrevista profunda, que busca conhecer e compreender o entrevistado, fazendo dele fim, e não meio, se o entrevistador não estiver, ao menos, dividindo o protagonismo da ação com o seu entrevistado (a “entrevista-diálogo”), mas nunca tenha o “papel principal”. A análise das entrevistas do programa permitiu questionamentos a respeito desse protagonismo do repórter e da construção da reportagem e do entrevistado como personagem da narrativa.

Podemos dizer que o lema de Profissão Repórter, “os *bastidores da notícia*, os desafios da *reportagem*”, às vezes se torna mais importante que o objetivo da *reportagem*: o de contar boas histórias e dar ferramentas ao espectador para que compreenda melhor sua realidade, e possa atuar nela de maneira mais consciente (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003). Se esse de fato é o objetivo do programa, ainda que isso vá contra o que Medina propõe como o exercício do jornalismo por excelência, o protagonismo do repórter deveria ser a linha condutora de todos os episódios, o que não se mostra. O que foi possível analisar a partir do estudo das entrevistas de 12 episódios, desde o início da veiculação do programa até o ano de 2010, é que, dependendo do tema, o protagonismo do repórter é deixado de lado e o entrevistado ganha mais destaque e importância.

Pode-se considerar, no entanto, que quando o repórter parece dar maior destaque ao entrevistado, ele também reafirma seu papel como mediador, aquele responsável por

trazer parcela da realidade a seu público, e, assim, reforça seu protagonismo, mas de maneira compartilhada. Ou, nas palavras de Morin (1966): “Vemos que quanto maior é a importância do entrevistado na entrevista – e ela é sempre mais importante quando se deseja ir mais a fundo –, maior é a importância da pessoa do entrevistador”. Porém, praticamente em todos os episódios, notou-se que as entrevistas são muito editadas, cortadas, em especial as perguntas. Por vezes a edição tenta dar a impressão de que o entrevistado falou algo espontaneamente, mas isso pode simplesmente ter sido corte da pergunta para dar mais agilidade ao programa e ganhar tempo, elemento precioso na televisão. E isso, novamente, indica o predomínio não da entrevista que busca o diálogo, mas da que parte para a espetacularização.

Referências bibliográficas

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2002.

MORIN, Edgar. “A entrevista nas ciências sociais, no rádio e televisão”. In: *Communications*. n. 7. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1966.

Os desafios da reportagem e a retórica das paixões

Neide Maria de Arruda

Diferentemente dos demais telejornais, o programa Profissão Repórter passa a ideia de um novo padrão estético de se fazer jornalismo, permitindo que os repórteres se envolvam emocionalmente com os fatos exibidos. Nesse sentido, será possível afirmar que Profissão Repórter utiliza-se de artifícios para persuadir/seduzir o receptor a receber a narrativa de um fato imbuído de parcialidade e ter consciência disso? É com esse pensar reflexivo que este trabalho propõe-se estudar a narrativa jornalística do programa, partindo-se do pressuposto de que ela é permeada de retórica das paixões.

Pressupondo que um dos principais objetivos iniciais de Profissão Repórter fosse o de mostrar como as notícias são produzidas até chegar ao receptor/telespectador, ou seja, o de mostrar “os bastidores da notícia” (*slogan* do programa), o que observamos inicialmente foi a redução do espaço dedicado para discussão da pauta/produção/edição, dentro da redação, e o aumento do espaço/tempo, voltado para o objeto/notícia, com forte intervenção emocional dos jornalistas recém-formados em todo o percurso do fato em pauta. São muitas as definições dadas pelos teóricos do jornalismo ao tipo de narrativa presente no conteúdo de Profissão Repórter. O alvo deste artigo não é o de identificar ou nomear um novo tipo de jornalismo praticado no programa, mas o de mostrar em que medida o modelo de produção da narrativa jornalística, proposta pelos seus autores para dar conta de um fato real, está inserido nos conceitos acima citados e suas retóricas.

Por esse caminho vamos discorrer sobre a centralidade de Profissão Repórter no cotidiano da sociedade brasileira, que leva ao conhecimento do telespectador

a existência de fatos que atingem direta ou indiretamente uma parte do coletivo social – com acontecimentos e/ou temas normalmente minimizados no repertório do telejornalismo diário –, penetrando neles com seus instrumentos de expressão (diferentes ângulos do mesmo fato), procurando estabelecer a legitimidade de uma dialética. Uma das principais características do programa é a de eleger apenas um fato a ser explorado, produzido e exibido em cada programa. Fatos que poucas vezes são exibidos como notícias/reportagens, no telejornalismo diário — como deficiência nos transportes coletivos, caos nos serviços de saúde pública, desigualdades sociais, negligências dos poderes públicos, direito de cidadania, corrupção no poder público, invisibilidade social, entre outros — servem de pautas que dão voz às comunidades e/ou pessoas que vivem às margens da sociedade e/ou são vistas sob o ponto de vista dos estigmas sociais.

Em busca de uma confirmação do que foi descrito acima, remetemos a reflexão inicial para uma das teorias de Jesús Martín-Barbero, que diz: “a luta contra a injustiça é, ao mesmo tempo, luta contra a discriminação social e a exclusão cultural, o que equivale à construção de um novo modo de ser cidadão que possibilite a cada homem e a cada grupo se reconhecer nos demais, condição indispensável da comunicação” (2004: 155-156). Será essa uma das bandeiras de Profissão Repórter como égide de uma nova narrativa jornalística televisiva?

Nossa primeira reflexão sobre o discurso praticado está voltada para a atividade exercida pelos jovens jornalistas mediante recursos de câmeras/recursos de montagem, pensados como jogo entre verdade e realidade/ideologia para persuadir o receptor. Entender como um discurso jornalístico é visto como verdade, por uma grande parcela da sociedade, faz necessário que essa verdade seja investigada como um “efeito” do discurso (HERNANDES, 2006). Isto significa dizer que um discurso é aceito como verdade quando o ponto de vista de quem fala interage com o ponto de vista de quem ouve, ou seja, quando existe cumplicidade entre o emissor/enunciador e o receptor/enunciatário. Um dos recursos de qualquer jornal – entendido como enunciador/destinador – para persuadir o público – o enunciatário/destinatário – a crer na verdade

que anuncia é elaborar uma *encenação*, uma representação da realidade que deve ser aceita pelo público. “(...) ambos devem partilhar de uma mesma visão de mundo, de uma ideologia que os torna de certo modo ‘cúmplices’ na maneira de recortar e de dar sentido aos acontecimentos, à realidade” (HERNANDES, 2006: 20-21).

Para dar visibilidade a nossa proposta, visando detectar a utilização de artifícios para persuadir/seduzir o receptor a receber a informação sobre um fato imbuído de parcialidade, estando conscientes disso, lançamos mão de *Retórica das paixões* do filósofo grego Aristóteles, observando as paixões como “todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem diferir seus julgamentos...”. As paixões que pretendemos evidenciar no discurso de Profissão Repórter estão relacionadas ao comportamento dos jovens jornalistas quando encaram a lente da câmera e exercitam o “olho no olho” com quem os assiste. Importa observar que a ideia não é a de conceituar que tipo de jornalismo o programa exhibe, mas sim como o discurso está permeado de aproximação com o Outro, reforçado pela emoção exteriorizada, explicitado no comportamento e na entonação da voz de cada repórter; editado e exibido como quem busca construir uma marca (*seu ethos*) como confiável e real.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques : o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo*. São Paulo: Loyola. 2004.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

De Linha Direta a Profissão Repórter: margens cambiantes do telejornalismo

Rosana de Lima Soares

Os relatos jornalísticos têm ocupado lugar de destaque entre os programas televisivos contemporâneos. Nos últimos anos acompanhamos a progressiva substituição, em horário nobre da Rede Globo, do programa Linha Direta por Profissão Repórter. Ambos têm em comum a apresentação de propostas tidas como inovadoras em termos jornalísticos e abordagens que valorizam o caráter narrativo de seus relatos. Ainda que com possíveis divergências nas concepções entre jornalismo e narrativa, os dois programas estabelecem diálogo com formas narrativas e discursivas variadas comumente presentes em documentários televisivos ou cinematográficos. Por meio de uma abordagem contrastiva de Linha Direta e Profissão Repórter a partir das teorias da enunciação, procuraremos demonstrar que tais programas, aparentemente tão diversos, estão fundados sobre estratégias discursivas semelhantes, reafirmando o lugar de autoridade do jornalismo e produzindo, desse modo, efeitos de sentido equivalentes junto a seus espectadores.

O programa Linha Direta – no ar por vários anos e apresentando temas ligados sobretudo à violência, por meio de reconstituições e investigações policiais concebidas em contraposição ao chamado “jornalismo tradicional” – apresenta inúmeras diferenças em termos expressivos e de conteúdo se comparado a Profissão Repórter, inicialmente um quadro dentro do programa dominical Fantástico e com formato bastante distinto do atual, mais próximo de grandes reportagens. O artigo tem

como objetivo demonstrar que tal deslizamento, para além de possíveis mudanças nos modos de produção e circulação dos discursos jornalísticos contemporâneos – incidindo também em seus usos e apropriações –, opera, ao contrário, como reforço de um certo modo de pensar tais discursos.

É como se, nesse momento, os jornais *narrativizados* (e, na definição clássica do jornalismo, mais *ficcionalizados*) tivessem deixado de ser a presentificação do “real” justamente por perder, da ficcionalidade, sua aparência de realidade e efeitos de naturalização. Ao se tornarem “pura ficção”, esses jornais – e programas nos moldes de Linha Direta – perderam espaço televisivo e precisaram deslizar para outras possibilidades, também não contempladas no jornalismo tradicional, justamente por este negar à sua narrativa qualquer possibilidade ficcionalizante.

Profissão Repórter entra em cena, portanto, objetivando não apenas mostrar (e vencer) os desafios da reportagem, mas também aqueles do próprio jornalismo em busca de formatos outros. Sua estreia oficial ocorrera em caráter experimental, com a exibição de um episódio especial, no Globo Repórter, sobre o trânsito de São Paulo. É nesse ponto que uma questão se coloca: como pensar, para além dos enunciados propostos – incluindo formato e temática do programa –, suas possíveis inovações enunciativas? Se a proposta visa estabelecer um contrato comunicacional diferenciado com o telespectador, possibilitando que este troque de posição com o repórter ou, ao menos, identifique qual seria esse “outro lugar”, explicitando algo antes velado, podemos indagar sobre os modos de enunciação construídos em Profissão Repórter.

Se o jornalismo não pode ser tão *fantástico* quanto a ficção – como pretendiam os programas ditos sensacionalistas –, um limite se impõe, limite este rompido por Linha Direta e restituído por Profissão Repórter, restaurando o lugar da *verdade dos fatos* no jornalismo e, desse modo, expandindo suas fronteiras. É nesse ínterim que um formato novo parece reunir esses dois elementos: o caráter referencial do jornalismo tradicional e o caráter narrativo do jornalismo popularesco, combinados de modo original em Profissão Repórter. Nesse sentido, o programa parece realizar um movimento

diverso, explicitando tanto do ponto de vista dos enunciados como da enunciação suas estratégias discursivas. Entretanto, os dois modelos parecem concorrer, nos discursos jornalísticos televisivos, para os mesmos objetivos, qual seja, a afirmação dos princípios fundantes do jornalismo. Ao fazê-lo, asseguram a possibilidade de mostrar a realidade de modo verdadeiro, ainda que diferenciado das formas enunciativas convencionais do jornalismo, devido à fragmentação das imagens e à relativização dos relatos.

Ao tomarmos as narrativas jornalísticas presentes em *Profissão Repórter*, observamos os modos pelos quais elementos diversos articulam, entre seus enunciadores, processos semelhantes de escritura, demarcando a troca de papéis – mas, ao mesmo tempo, sua retomada às posições originais – entre repórteres e entrevistados, todos alçados à condição de personagens dos relatos apresentados ao telespectador, também ele um “eu” e um “tu” instaurado no espaço-tempo do discurso jornalístico.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GAY, Peter. *Represálias selvagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.

ODIN, Roger. “Film documentaire, lecture documentarissante”. In: ODIN, Roger & QUÉRÉ, Louis. *Des miroirs équivoques*. Paris: A.-M., 1982.

SOARES, Rosana de Lima. *Margens da comunicação: discurso e mídias*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1994.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real!* São Paulo: Boitempo, 2003.

O Aprendiz da Profissão Repórter: o *ethos* da competição/colaboração no lugar dos bastidores

Ivan Paganotti

Momentos da apuração da reportagem são pontos marcantes – mas não os principais – na construção narrativa dos episódios de Profissão Repórter. Entretanto, a apuração não é o único espaço dos “bastidores da notícia” apresentados nos “desafios da reportagem”, como o programa sempre insiste em frisar em sua apresentação inicial. Em uma pequena porém significativa parcela dos episódios, também as discussões durante as reuniões de pauta e o espaço das ilhas de edição são revelados para que o público conheça mais peças das engrenagens que movem o mecanismo do trabalho jornalístico televisivo. A discussão da escolha dos temas, seus enfoques e a alocação de repórteres para sua cobertura – ou seja, a pauta do programa – aparece em 15% dos 149 programas analisados entre 2006 e 2010. Já os diálogos na ilha de edição – espaço da seleção de imagens e sons para construir a narrativa do programa e refletir sobre os sentidos dessas escolhas – são mostrados em 21% dos programas.

O espaço dado a esses bastidores da seleção de temas (pauta) e narrativas (edição) é pequeno quando comparado com a onipresença da revelação das práticas do trabalho de apuração e reportagem em si – ou seja, as dificuldades para encontrar as fontes e chegar a elas, as entrevistas, a relação do repórter com os personagens e as técnicas de filmagem. A análise dos 31 episódios que têm a ilha de edição como cenário de diálogos entre repórteres e Caco Barcellos revela uma situação insólita: a ilha não mostra a edição em si, pois em nenhum dos episódios analisados os debates entre os jornalistas

tratam da escolha de imagens ou sons, nem da construção narrativa do programa. O que se discute são os dilemas, constrangimentos, inseguranças e dificuldades na escolha das estratégias adotadas pelo repórter durante a apuração, além de comentários sobre sentimentos e expectativas nutridas pelos jornalistas durante a reportagem. No lugar da construção narrativa dos próprios episódios, prefere-se elaborar uma nova história com olhares complementares sobre as práticas da reportagem – em outras palavras, prefere-se construir um *making of*, feito de forma simultânea e complementar aos fatos tratados no programa, em vez de mostrar *como se faz* a costura de diferentes linhas narrativas no relato do episódio.

Para analisar os motivos dessa escolha e os sentidos que resultam da seleção de quais bastidores devem ou não ser revelados, um interessante ponto de comparação pode ser traçado a partir do programa O Aprendiz, produzido pela Rede Record desde 2004. Além de ambos os programas serem ancorados na forte figura de um apresentador reconhecido por ser um bem-sucedido profissional de sua área (o repórter Caco Barcellos e o publicitário Roberto Justus), que funciona como o lastro da qualidade do programa, também é evidente que ambos os programas tratam do cotidiano de trabalhadores da mídia, seja no mundo do jornalismo (Profissão Repórter) ou da publicidade (O Aprendiz). Além disso, a imagem dos profissionais famosos e talentosos é contraposta à inexperiência e ao potencial de jovens que trabalham para a realização das tarefas propostas pelos âncoras de cada programa.

Mas um foco de comparação mais frutífero evidencia que tanto Profissão Repórter quanto O Aprendiz não conseguem (ou talvez nem possam) revelar todos os seus bastidores. Os dois programas deixam de fora alguns momentos que são reveladores e intrínsecos da prática de jornalistas e publicitários; são eventos demasiadamente “obscenos” da prática midiática para serem trazidos para o primeiro plano, pois podem colocar em xeque toda a validade da construção dessas próprias mídias.

Entretanto, antes de chegar a essas imagens demasiadamente “obscenas”, é preciso tratar da própria “cena” de cada programa – ou seja, quais “cenários” dos

bastidores da prática midiática são revelados e como os trabalhos de repórteres e publicitários são “encenados”, para se encaixar na construção narrativa de cada episódio. Após compreender a dinâmica da composição desses bastidores aptos à revelação, será possível classificar os sentidos resultantes de seus usos e os possíveis efeitos e motivações do ocultamento de parte das práticas que não estão autorizadas a chegar à luz do público. Assim, é possível mostrar como os momentos de crise que são mostrados nos dois programas podem se aproximar em um sentido contraintuitivo da “profanação” (AGAMBEN, 2007) de práticas sagradas da produção capitalista – porque são normalmente retiradas do uso mundano, ocultas por um véu que não deve ser revelado. Com isso, servem perfeitamente à reconstrução mítica dos bastidores midiáticos, que se fortalecem na revelação da superfície de suas práticas, enquanto as entranhas do maquinário dos meios de comunicação de massa e os processos de construção dos sentidos de seus discursos podem permanecer inalcançáveis.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALTHEIDE, David. *Creating reality: how TV news distort events*. Beverly Hills: Sage, 1976.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Rideel, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2005.

RESENDE, Fernando. “A narratividade do discurso jornalístico: A questão do outro”. *Revista Rumores*. São Paulo, Ano 3, n. 2, set/dez 2009. Disponível em: http://www3.usp.br/rumores/visual.asp?cod_atual=161.

SERELLE, Márcio. “Metatevê: a mediação como realidade apreensível”. *Revista MATRIZES*. São Paulo, ano 2, n. 2, primeiro semestre/2009, pp. 167-179.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato – notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

O fascínio pela realidade abrupta e a demanda pelo comodismo familiar

Cláudio Coração

A prerrogativa de *transparência*, muitas vezes, é conquistada pelas representações próximas da realidade, com a construção de uma formação narrativo-discursiva. A tradução do abrupto (o mundo caótico necessitado de entendimento), pelo jornalismo, dá-se um pouco pelo prisma de representação “clara” das coisas, em que os condicionantes da realidade possam se ajeitar como indicadores da vida cotidiana. É que o jornalismo impõe uma espécie de ordenamento do caos simbólico que o ar dos fatos brutos engendra. Nesse raciocínio, o telejornalismo estaria sedimentado como uma construção textual mais dinamizada, na medida em que materializa a *sujeira* dos fatos à luz do controverso sistema lógico regido pelo audiovisual, em sua configuração realística e sedutora. Ou seja, os fundamentos em torno da imagem como meio fazem da *transparência* do mundo (no telejornalismo) o elo da práxis televisiva, com transmissão fugaz e sólida, visto que evidencia o suporte do real pela legitimação imagética, fincada no jogo de edição tecnológica, e elucidada pelo discurso da verdade como guia.

Quando Profissão Repórter proclama ser um quadro exposto dos *bastidores da notícia* ou do *desafio da reportagem* desmonta as fatias da realidade mais abrupta pelo filão da *transparência*. Essa *transparência*, no entanto, deve ser entendida aqui como emolduração do acontecimento que se desnuda, de modo que Profissão Repórter reivindica, a todo o momento, a insígnia do acontecimento movediço, como se restasse a ele (acontecimento) o narrar exposto dos fatos. Mas o fato solidificado socialmente é anterior a essa tomada. Então, Profissão Repórter ordena a discussão pelo frenesi de vozes (repórteres, personagens, ambientações etc.), em alguns momentos com tom

ficcional e dramático. Não à toa sua organização vir sempre propalada pela estrutura temática e episódica, já que a discussão temática adverte o espectador sobre a comprovação imersiva do acontecimento. A singularidade dos acontecimentos como tom deontológico - ou legitimador - corrobora para o revestimento do programa como fio condutor da realidade, digamos, mais “escondida”. Esse avesso *da notícia*, próximo dos atributos literários da crônica, reveste a reportagem telejornalística como um gênero próximo, por consequência, das balizas do repórter idealizado na função, e intruso no emaranhamento da cidade (ou do campo) na busca de aventuras. A “aventura” legitimadora de Profissão Repórter e seus jornalistas se dá pela clara absorção dos acontecimentos regidos no caos simbólico da verdade factual (e não na elaboração ficcional). Essa distinção de teor genérico demonstra a fratura do significante de Profissão Repórter: um programa que atropela a realidade “adormecida”, ou seja, é como se o “real” se vislumbrasse pela perspectiva do jornalista audaz. O trabalho praticado pelos jovens jornalistas reforça o espaço de transposição do “real” como emblema. Nesse sentido, o fato adormecido (tanto matérias “frias” quanto “quentes”) se cobre da *mágica* do acontecimento que se evidencia identificado culturalmente – aqui e agora.

Referências bibliográficas

BUCCI, Eugênio. *Em torno da instância da imagem ao vivo*. In: *Revista Matrizes*. São Paulo: Paulus; Eca/USP, Ano 3, n.1. ago/dez 2009.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEAL Bruno Souza. *Informação e imagem no telejornal: reflexões sobre um regime de visibilidade*. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, v.32, n.1, janeiro/junho 2009.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 4.ed. São Paulo: Senac, 2000.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato*. Petrópolis: Vozes, 2009.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real!*. São Paulo: Boitempo, 2003.

Um lugar para o repórter: representação social, protagonismo do testemunho e subjetividade em presença

Mariana Duccini

As estratégias que legitimam os discursos circulantes em Profissão Repórter articulam-se sobretudo em dois âmbitos: na hibridização entre os gêneros jornalístico e documentário e nas formas de instalação de um ponto de vista subjetivo, viabilizando um efeito de autoridade/autorização materializado nos enunciados circulantes. Intentamos apreender as maneiras pelas quais o jornalismo toma de empréstimo do documentário (sobretudo pela reflexividade enunciativa) elementos estruturais deste gênero, assim como as modalidades de instalação do referido ponto de vista, nas dimensões da representação social do repórter, da construção imaginária do testemunho e da presença na cena de um sujeito afetado pela densidade da circunstância em que enuncia.

Fenômeno social por excelência, a enunciação não se estrutura de maneira alheia a um gênero de discurso, ou seja, de um princípio de estabilização de enunciados que constitui espaços de atividade regidos por protocolos – ou coerções – dados a viabilizar, pela recorrência, a consolidação do próprio gênero, cujos limites mostram-se porosos e multiformes, já que corporificados pela dinâmica das trocas sociais.

No que remete a Profissão Repórter, a densidade expressiva do discurso retira seu substrato da articulação de dois universos genéricos: o jornalismo – em termos predominantes – e o documentário fílmico – numa espécie de rearticulação de determinadas coerções genéricas, para endossar construções sêmio-discursivas presentes nos discursos dos episódios.

Nessa esteira, a alusão recorrente aos “bastidores da notícia” filia-se a uma tradição de *antitransparência* que se efetiva segundo um paradigma de documentário preponderante a partir dos anos 1950-1960 – que institui parâmetros, mais ou menos incorporados, mais ou menos distendidos, sobre aquilo que se entende, hoje, como forma legitimada de enunciação documentária. Tal estética reflexiva, na perspectiva da “câmera que filma a câmera” ou da explicitação do lugar de onde fala o sujeito enunciador, sublinha a validade da não transparência como indexação do discurso. Para além de expressão subjetiva ou maneirismo estilístico, a revelação do dispositivo como forma de intervenção de um sujeito no mundo amalgamou toda uma filiação de obras e de realizadores.

Em termos de construção de sentidos, a correlação de elementos de expressão, na medida em que constitui o conjunto de rastros de uma instância enunciativa no enunciado, é o que efetiva o processo da reflexividade formal em Profissão Repórter. Isso se converte em uma espécie de lastro de objetividade, expressando valores culturais de que “tudo aí está para ser visto, tudo deve ser dado a ver”. A recorrência de certas estruturas do documentário, assim como a explicitação de um ponto de vista subjetivo, garantem ao programa um posicionamento que se descola do viés conservador presente nos jornalísticos de formatos mais tradicionais, mas não inviabiliza sua filiação a esse mesmo gênero discursivo.

Tangenciamos, agora, o segundo pólo modalizador em Profissão Repórter: a dimensão performativa, que, como “desafio da notícia”, prevê a constituição do sujeito-repórter por meio de recursos de protagonização, ancorando estratégias de representação sobre o que *significa*, em termos de experiência e valoração social contemporâneas, *ser um repórter*.

A ordem das representações cristalizadas/estabilizadas responde por estratégias de institucionalização da figura dos repórteres, articulando tanto a dimensão coletiva sobre esse estatuto (conjunto de protocolos determinados por uma expectativa de natureza social) quanto a dimensão particular, na explicitação identitária dessa figura, em termos da construção de um *ethos*.

A dimensão do testemunho alude à performatividade desses sujeitos, que desempenham tal papel conforme suas inclinações/aptidões individuais, mas sempre em assunção a regras e protocolos do fazer jornalístico. É a figurativização desse fazer como um ofício que instaura o modelo do repórter como cultor da notícia, tendo no horizonte uma revelação empreendida pela tarefa investigativa.

Em termos da instalação de efeitos de subjetividade, articulam-se experiências que denotam esse sujeito como um corpo sensível no mundo, uma presença biográfica. Tal dimensão é bem apreendida nas circunstâncias em que o repórter estabelece juízos de valor acerca das situações/personagens da cobertura que empreende, ou quando dá a ver suas emoções. Essa dinâmica não contraria as coerções genéricas do jornalismo; ao contrário, visa a um efeito patético (na acepção do *pathos*) que amalgama uma forma de legitimação autoral baseada na explicitação de um indivíduo moralmente implicado na densidade narrativa da circunstância que ajuda a construir.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: *Estética da criação verbal* (trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário* (seleção e organização: César Guimarães e Ruben Caixeta; trad. Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira e Ruben Caixeta). Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

FOUCAULT, Michel. “Qu’est-ce qu’un auteur?” in: *Dits et écrits – Tome 1*. Paris: Gallimard, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário* (trad. Adail Sobral). São Paulo: Contexto, 2006.

_____. “A propósito do *ethos*”. In: MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, Vozes, 2003.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário* (trad. Mônica Saddy Martins). Campinas: Papirus, 2005.

ODIN, Roger “Film documentaire, lecture documentarisante”. In: ODIN, Roger e LYANT, Jean Charles. *Cinemas et réalités*. Saint-Etienne, Université de Saint-Etienne, 1984.

RAMOS, Fernão. “A cicatriz da tomada: documentário, ética e imagem-intensa”. In: RAMOS, Fernão (org.). *Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional* (volume II). São Paulo: Editora Senac, 2005.

SOBCHACK, Vivian. “Inscrevendo o espaço ético: dez proposições sobre morte, representação e documentário”. In: RAMOS, Fernão (org.). *Teoria contemporânea do cinema – documentário e narrativa ficcional* (volume II). São Paulo: Editora Senac, 2005.

XAVIER, I. *O discurso cinematográfico – a opacidade e a transparência*. 4ª. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Jornalismo e imaginação melodramática: representações negociadas em Profissão Repórter

Mariane Harumi Murakami

A derrocada da dicotomia transparência/opacidade na televisão brasileira, ou o surgimento da neotevê (ECO, 1984), foi marcada especialmente por um discurso cada vez mais autorreferencial. Nesse panorama, o surgimento de Profissão Repórter passa a ocupar uma posição interessante na discussão sobre as estratégias discursivas televisivas, uma vez que trata-se de um produto híbrido de telejornal, pedagogia televisiva e entretenimento (SERELLE, 2009).

O jogo entre transparência e opacidade no programa abre a possibilidade de uma dupla leitura: a documentarizante e a fictivizante, nos parâmetros descritos por Odin (1984): a existência de um espaço de leitura dos produtos audiovisuais em que podemos tomá-lo como um documento, adotar uma atitude mais “documentarizante” que “ficcionalizante”, ainda que se trate de uma obra de ficção. Assim, por conta de sua natureza híbrida, a questão das leituras propostas por Odin não se resolve de maneira dicotômica no programa, mas é negociada com os espectadores, em níveis documentarizantes e fictivizantes diferentes, em que o jogo entre transparência e opacidade se estabelece a fim de captar o espectador e mergulhá-lo nas narrativas dos personagens-repórteres.

Por se propor como uma espécie de “reality show jornalístico”, o programa possui inscritas em sua estrutura “instruções para uma leitura documentarizante” (SERELLE,

2009), bastante evidenciadas e indicadoras de que o espectador está, assim, presenciando a construção de uma reportagem, acompanhando os jovens repórteres em todo esse processo. Entretanto, é possível dizer que a insistência em exibir a feitura da notícia, baseada na instrumentalização de um efeito de objetividade acaba por reforçar o efeito contrário; o exibicionismo das câmeras, a ênfase na luta dos repórteres, as discussões de pautas e de edição de reportagem tornam-se, assim, não o proclamado campo de expressão natural da verdade, mas o “lugar de uma técnica de produção de realidades aparentes” (XAVIER, 2003: 95).

Por outro lado, o processo de organização de elementos instrucionais fictivizantes em Profissão Repórter dá-se não tanto por uma construção aparentemente ficcional, uma vez que, como já mencionado, toda a construção narrativa do programa desdobra-se como uma “janela para o mundo dos repórteres”. A fictivização refere-se aqui a uma articulação estabelecida com a tradição narrativa clássica, que faz as estratégias narrativas tradicionais do melodrama serem engendradas na construção de um raciocínio totalizador que idealiza apresentar a realidade como uma unidade apreensível e o sujeito/personagem como uma categoria social.

Adotamos aqui a perspectiva formulada por Brooks (1995) sobre a imaginação melodramática. Ele aponta para uma observação do melodrama para além da delimitação do gênero, entendendo-o como um modo de ver e experimentar o mundo, cabendo à ordem de uma subjetividade mais própria à modernidade. Segundo o autor, essa imaginação melodramática está ligada à concepção da subjetividade e dos modos de perceber, o que possibilita o estabelecimento de diálogo entre sua estrutura e outros regimes discursivos – ficcionais ou não –, mas que refletem, em sua estruturação, um processo de releitura de suas estratégias narrativas.

Em Profissão Repórter, é possível observar o movimento “moralizante” típico do melodrama (XAVIER, 2003), em especial na apresentação dos personagens das reportagens, que lá são apenas coadjuvantes dos protagonistas-repórteres. A demarcação dos vícios e virtudes das personagens (e, conseqüentemente, o lugar dos

“vilões” e “vítimas”, do “bem” e do “mal”) uma das principais características do melodrama, é visivelmente reforçada durante as narrativas. E justamente o desenvolvimento das histórias dos personagens pelo programa procura, de maneira bastante clara, construir esse mundo melodramático ordenado, em que os elementos caracterizadores são sempre muito bem demarcados.

Assim, a tradição do melodrama comparece no programa como uma ferramenta de articulação sentimental necessária, mas que aparece, quase sempre, em segundo plano, uma vez que a presença da imaginação melodramática não é suficiente para desestruturar as instruções de leitura documentarizante, ou seja, a fictivização não chega a questionar o projeto de representação coerente, objetiva e “sóbria” da realidade. Podemos, como afirma Xavier (2003), inverter o sentido do argumento de Brooks, explorando o que no ideal de transparência reforça, no fundo, a teatralidade e o exibicionismo. Ainda segundo o autor, por conta da inconstância dos valores no contexto midiático, o melodrama sustenta ainda mais sua condição de “lugar ideal das representações negociadas”, inclusive no telejornalismo, uma vez que há, por um lado, “o acesso à intimidade”, e de outro, “a neutralização do efeito propriamente crítico quando a exposição do corpo ou do caráter é valorizada como resposta a um apetite por imagens” (XAVIER, 2003: 98), atendendo à lógica do espetáculo.

Referências bibliográficas

BALTAR, Mariana. *Realidade lacrimosa: diálogos entre o universo do documentário e a imaginação melodramática*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Curso de Pós-graduação em Comunicação, Niterói-RJ, 2007.

BROOKS, Peter. *The melodramatic imagination: Balzac, Henry James – melodrama, and the mode of excess*. New Haven and London: Yale University Press, 1995

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1997.

ECO, Umberto. "Tevê: a transparência perdida". In: ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ODIN Roger. "Film documentaire, lecture documentarisante". In: ODIN, Roger e LYANT, J. C. (ed): *Cinemas et réalités*. Saint-Etienne: Universidade de Saint-Etienne, 1984 (traduzido por Samuel Paiva).

SERELLE, Márcio. "Metatevê: a mediação como realidade apreensível". *Matrizes*, São Paulo, n.2, ano 2, 2009.

XAVIER, I. *O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

O testemunho do fato: estratégias retóricas em programas jornalísticos

Eliza Bachega Casadei e Rafael Duarte Oliveira Venancio

Muitas vezes mal visto pela maioria dos profissionais da imprensa, o jornalismo gonzo é caracterizado por uma imersão total do repórter no universo da matéria. O que importa ali não são os personagens em volta ou a ação circundante, mas sim a própria presença do repórter no local do fato, que, em sua figura, sustenta toda a estória a ser contada. André Czarnobai (2003) chama essa vertente de reportagem de “um filho bastardo do new journalism”. Com o risco de irmos por demais adiante na comparação, talvez pudéssemos pensá-lo enquanto um filho bastardo de todo o jornalismo, como o exacerbamento de um mecanismo que está presente em qualquer construção narrativa jornalística e que sustenta grande parte de seus efeitos de verdade: a importância do estatuto de testemunha do repórter no local do fato.

Se, como coloca Harvey, “as ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade” (HARVEY, 2007: 198) e que, justamente por isso, estão sempre implicadas em relações de disputas, com este artigo, procuraremos investigar como o jornalismo em geral (e, particularmente, o Profissão Repórter) utiliza determinadas técnicas retóricas relacionadas à ocupação do espaço como forma de sustentar e legitimar regras que produzem determinados efeitos de verdade. Estudaremos como Profissão Repórter mobiliza certos tropos espaciais que articulam efeitos de sentido que mobilizam uma autoridade construída a partir da edificação de um espaço imaginário de testemunho do repórter.

Em outras palavras, a partir da noção de que as provas de verdade no jornalismo são de caráter imaginário, partiremos de um estudo a respeito da forma como a imprensa constrói o testemunho como uma matriz de verdade presumida, calcando sua autoridade em uma construção imaginária do espaço e tempo. Mais do que isso, tentaremos mostrar como estes recursos retóricos funcionam como paralogismos que, ao se investirem de uma suposta esfera de inovação, acabam por remeter à repetição conclusiva para a manutenção do campo jornalístico.

Logo, podemos dizer que o que mantém a televisão, no nosso caso o telejornalismo, em uma relação de verosimilhança e de legitimidade são estratégias retóricas que promovem não só discursos, mas um ideal de continuidade e de reconhecimento.

Ora, seria pouco interessante a Profissão Repórter sair do cânone básico do telejornalismo imposto pelo repertório histórico brasileiro. O que ele pode fazer é instaurar, por diversos mecanismos, uma suposta esfera de inovação que acaba por remeter à repetição conclusiva para a manutenção do campo jornalístico. É isso que evita uma grande crise de legitimidade telejornalística.

Assim, estamos diante de paralogismos que atuam, principalmente, no atenuamento das marcas tanto da transposição do tempo da história (do fato) para o tempo da estória (da telerreportagem) quanto da questão das “duas realidades” transformada na “realidade na qual vivemos”.

A impressão que temos ao constatar que o jornalismo mais tradicional (Jornal Nacional), o mais sensacionalista (Aqui Agora e seus filhotes), o mais “inovador” (Profissão Repórter) e o gonzo adotam estratégias retóricas comuns (*enargia* e *martyria*) não é algo injustificável, mesmo parecendo ilógico. É função da paralogia e de seus mecanismos, os paralogismos, manter o campo jornalístico.

Afinal, como poderíamos colocar todas essas práticas dentro do mesmo guarda-chuva, chamado “jornalismo”, se não fosse pelas estratégias retóricas, os paralogismos que mantêm o campo?

Assim, não há verdadeira inovação e não há a forma consolidada de análise e reflexão de uma progressão positiva do campo. A “paralogia deve ser distinguida da inovação: a última está sob o comando do sistema, ou pelo menos usada para melhorar sua eficiência; a primeira é um movimento (cuja importância não é normalmente reconhecida até mais tarde) jogado na pragmática do conhecimento” (LYOTARD, 1984: 61).

Uma boa forma de perceber esse movimento está em observar que os tropos (no caso, *energía* e *martyria*), ao se colocarem enquanto fornecimento de determinados modelos de explicações causais, constroem uma arquitetônica da história que a telerreportagem se propõe.

Assim, isso se assemelha à análise de David Bordwell (1997) da narração fílmica ficcional ou, se levada ao limite, da narração audiovisual. Para Bordwell, a narração é formada por três itens em relação: *syuzhet*, *style* e *fabula*. O mais interessante aqui, o *syuzhet*, é “o atual arranjo e apresentação no filme (...). Os mesmos padrões de *syuzhets* podem ser utilizados em um livro, peça ou filme”, fazendo com que ele seja independente do meio” (BORDWELL, 1997: 50).

As estratégias trópicas aqui descritas, que indicam, via matéria jornalística, a transposição do tempo-espço do espectador ao tempo-espço do fato retrato compõe o *syuzhet* jornalístico. É a arquitetônica que faz coisas radicalmente diferentes terem o mesmo nome e intercambiar referências, práticas e, até mesmos, realizadores.

Profissão Repórter nos mostra, mais uma vez, que o jornalismo – demarcado enquanto campo – não está calcado em mandamentos, nas “histórias que os jornalistas contam de si para eles mesmos” ou mesmo em uma captação da dita “realidade”.

O comum do jornalismo está em estratégias de linguagem, nas formas nas quais o testemunho dos “fatos” é articulado e posto visível. O jornalismo é uma *paralogia*, um jogo cerrado em si, e por isso é que é passível de estudo.

Referências bibliográficas

- BORDWELL, David. *Narration in the Fiction Film*. London: Routledge, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CZARNOBAI, André. *Gonzo: o filho bastardo do new journalism*. Monografia apresentada à UFRS, Porto Alegre: UFRS, 2003.
- DERRIDA, Jacques. "Fé e Saber: as duas fontes da 'religião' nos limites da simples razão". In: *A Religião: seminário de Capri*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- HAMBURGER, Esther. *O Brasil Antenado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- HUXFORD, John Edward. *It's the end of the world as we know it: journalism and the prediction of catastrophe*. Tese de doutorado apresentada à Universidade da Pensilvânia, 2004.
- LAGE, Nilson. *A reportagem*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- LANHAM, Richard A. *A handlist of rhetorical terms*. Berkeley: UCP, 1991.
- LYOTARD, Jean-François. *The Postmodern Condition*. Minneapolis: UMP, 1984.
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo. *A tv sob controle*. São Paulo: Summus, 2006.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2009.
- MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- PERELMAN, Chaim. e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. "O testemunho: entre a ficção e o real". In *História, Memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1994.
- WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público*. São Paulo: Ática, 2006.

Íntimo e pessoal: rostos de personagens em *close*

Andrea Limberto Leite

Uma tomada em *close* transmite proximidade em relação ao objeto que exhibe, se tal objeto – e nos damos o direito de nomeá-lo assim em seu estatuto de ser para a câmera – for uma pessoa, o termo mais apropriado seria intimidade. Esse é o tipo de relação que se estabelece com vontade de esquecer que uma câmera se interpõe entre o personagem e quem o vê, ainda que a aparência geral do primeiro esteja definitivamente moldada pelo aparelho que faz a mediação. Num movimento complementar a esse, podemos desde já assumir que uma dinâmica do olhar insere o sujeito, enquanto o constitui, numa posição central representada na imagem.

É pensando nesse duplo movimento combinado – do aparato que conforma a cena e do sujeito que responde com sua inserção imaginária nessa mesma cena – que pretendemos tratar o *close up* de rostos em Profissão Repórter como um recurso recorrente. Trata-se de um plano próximo ou em detalhe que aprendemos a ler dentro da técnica e do cânone cristalizado da linguagem audiovisual. Tal quadro específico também diz respeito a uma outra tradição, a da narrativa jornalística.

Devemos, então, dizer que o uso do *close* em personagens ganha outros contornos: a aproximação no detalhe insere-se na narrativa como o momento em que o jornalismo está impregnado de ficção. É nesse momento que um personagem emerge, recortado e remodelado (deformadamente) na articulação da imagem em *close* que o representa.

Observamos que, em *Profissão Repórter*, a cena do detalhe é parte da composição da narrativa imagética. Vemos cenas tematicamente tão diversas como o abraço no momento do reencontro entre pessoas que estavam desaparecidas e seus parentes; um homem fumando crack; o rosto pequeno de um bebê; uma médica paramentada e uma menina vítima de abuso filmada contra a luz, entre outros.

Entendemos, assim, hipoteticamente, que as cenas de rostos em detalhes são um quadro privilegiado em tal programa jornalístico e que tem relação com a maneira como o pacto com o espectador é estabelecido neste caso. Nossa perspectiva de análise pretende averiguar tal hipótese sob da forma da elaboração da narrativa das imagens que se desenrolam em direção à cena do detalhe.

Nossa amostra foi constituída levando-se em conta toda a sequência temporal de *Profissão Repórter*, de 2006 a 2010. Propusemo-nos a analisar os quadros de rostos em *close* que tenham aparecido no programa, não deixando de considerar, para isso, também o encadeamento imagético do qual foram derivados. Tendo em vista a profusão numérica e a recorrência de tais quadros durante todos os episódios de *Profissão Repórter*, selecionamos aqueles que foram registrados no blog como chamada (ícones ou *thumbnails*) para o programa, ou seja, como imagem emblemática do que foi ao ar. Assim, associamo-nos a um critério de relevância atribuído pela própria produção do programa. Destacamos, a partir disso, mais um aspecto da aparição dos rostos de personagens em cena, um dos efeitos dentro da representação da humanização no relato: a valorização do drama de personagens humanos.

A edição das reportagens de *Profissão Repórter* é feita em ritmo normalmente acelerado, ou seja, com grande número de quadros por minuto. Existe a preferência por uma composição com a sucessão de tais quadros, privilegiando a montagem, mais do que por meio do recurso a uma câmera mais estática, em que os objetos entram e saem por seu próprio deslocamento. No programa, os objetos entram e saem do quadro a partir de ângulos diferentes, mas também se repetem em quadros diferentes. Isso implica dizer que em cada um nos é apresentada outra composição entre objetos e uma outra abordagem sobre o objeto recorrente.

Interessa-nos pensar como se processa essa recorrência com relação aos rostos em *close*. Nas cenas antecedentes à do *close* e ainda nas subseqüentes, em que medida trata-se do mesmo rosto ou de outro completamente? Ele é o mesmo, visto que no encadeamento narrativo compomos um todo da personagem. Ele é outro, pois no *close* os elementos que o acompanham se reconfiguram, reapresentam-se fazendo do momento de clímax dramático seja revelador de uma outra natureza da personagem por meio da tomada de sua face, desconhecida até então.

Se não é uma reunião temática que une os protagonistas de Profissão Repórter, qual o elemento de ligação? O protagonismo de certa condição humana. Observamos, assim, qual a natureza dessa condição nos elementos que se associam aos *closes* e que compõem hoje, para o programa, um cruzamento entre o discurso assumido por ele e aqueles que o atravessam. São *closes* que apresentam essencialmente: a dor, o abuso, o perdido, o desconhecido, o envelhecimento, o nascimento, o encontro, a morte.

Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. *El rostro en el cine*. Barcelona: Paidós, 1998.

_____. *A imagem*. Campinas: Papyrus, 1993.

AUMONT, Jacques. *L'oeil inteminable*. Paris: Seguir, 1995.

BALÁZS, Bela. "The *close-up* and the face of man". In: DALLE VACCHE, Angela (ed.). *The Visual Turn: classical film theory and art history*. New Jersey: Rutgers University Press, 2003. pp. 15-16.

JOST, François. *Un monde a notre image: énonciation, cinéma, télévision*. Paris: Méridiens Klincsiek, 1992.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEITE, Andrea. *O traçado da luz – uma análise da sintaxe em reportagens telejornalísticas*.

Dissertação de mestrado. ECA-USP. 2006.

MACHADO, Dinara. *Vazio iluminado: olhar dos olhares*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

MACHADO, Ariindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2000.

QUINET, Antonio. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 4ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

Os desafios da convergência, os bastidores dos bastidores: deslizamentos narrativos em mídias digitais

Mariana Tavernari

Desde o lançamento de seu quadro no programa dominical Fantástico, da Rede Globo, em 2006, Profissão Repórter conta com ao menos um site oficial na internet – alocado dentro dos servidores da Rede Globo – cumprindo funcionalidades diferenciadas a cada ano, incorporando as demandas do programa de acordo com as mudanças de equipe e grade horária. Essas transformações acompanharam seu crescimento tanto em tempo de exposição quanto em audiência na emissora, mas também fazem parte das estratégias de mídias digitais da Rede Globo e integram um conjunto de metamorfoses pelas quais passam as narrativas audiovisuais e digitais na contemporaneidade.

A partir do pressuposto de que tais ferramentas atuam não apenas como plataforma de publicação de textos, sons e imagens veiculados pelo programa, são verificadas suas diversas funcionalidades, observando o grau de exploração e apropriação das potencialidades interativas e multimidiáticas. Assim torna-se possível determinar se os produtos midiáticos em questão correspondem a uma estratégia de estreita integração entre um meio digital e um programa audiovisual transmitido pela televisão ou se são empregados com a finalidade de construir uma cenografia e uma identidade interdiscursiva próprias, passando da forma aditiva à expressiva para legitimar o dizer do fiador, cujo caráter e corporalidade apontam para um *ethos* ligado a um conjunto de representações sociais do modo de enunciação jornalística.

Novas formas de circulação dos enunciados no contexto da convergência das mídias ultrapassam a noção de dispositivo, suporte e meio e recolocam as bases conceituais dos gêneros textuais e discursivos. As tramas narrativas que sustentam a construção dos produtos midiáticos surgidos com o programa – Profissão Repórter site e Profissão Repórter microblog, por exemplo – são complementares entre si. O objeto deste artigo, no entanto, distancia-se de uma análise transmidiática das narrativas do ecossistema midiático para aproximar-se de uma abordagem discursiva e específica das páginas do site do programa na internet, sem desconsiderar a relevância do novo panorama midiático que surge com os processos convergentes.

As mudanças na interface, funcionalidades e arquitetura das páginas indicam o desenvolvimento de novas formas de apresentação das narrativas – tratadas aqui como deslizamentos – que se interpõem ao processo comunicativo entre a instituição jornalística, ainda como matriz enunciativa, e as posições ocupadas pelo espectador do programa via televisão e pelo interator da rede das redes (a internet).

O desafio está em empreender as relações de deslizamento entre as mídias e os modos de produção e circulação das narrativas contemporâneas, articuladas aos mecanismos de representação das cenas enunciativas próprias do jornalismo, bem como à problemática da representação social da figura do repórter nas páginas do programa apontadas no Portal da Rede Globo de Comunicação. Esses deslizamentos ocorrem na mesma direção que apontam os diversos mecanismos de interatividade nas mídias digitais, propondo novas concepções de autoria, leitura e escrita em função da hipertextualidade.

O objetivo deste trabalho é problematizar os mecanismos de representação das cenas enunciativas jornalísticas, empregadas ao longo do histórico das páginas online do programa no Portal Globo, bem como os efeitos de sentido construídos em torno da figura do repórter, como ator social e personagem central das transformações narrativas.

Um dos principais instrumentos de análise das formas de transmediação entre o programa televisivo e as páginas online do programa apontadas no Portal

da Rede Globo de Comunicação passa, necessariamente, pelo reconhecimento das configurações intergenéricas de ambos e pelas transformações de suas funcionalidades interativas. As diferentes fases do blog do programa evidenciam diferentes formas de relacionar gêneros discursivos e cenografias. A segunda fase pode ser considerada a mais interativa de todos os produtos midiáticos criados na internet pelo programa e é também a fase em que os deslizamentos narrativos mais deixam transparecer os bastidores do programa.

Buscadas as encenações que promovem a encarnação do *ethos* jornalístico no palco e nos bastidores das páginas do programa, é relevante também observar como se dá atuação da figura do repórter nos bastidores dos bastidores. A figura do repórter como fiador que carrega uma série de imagens de si restritas às configurações discursivas do jornalismo atua como elo entre o processo de deslizamento narrativo em direção à fase expressiva (a dita convergência de conteúdo) e o processo de evolução do campo profissional jornalístico. O *ethos* nos produtos digitais de Profissão Repórter emerge da conjunção semiótica (pluralidade semiótica) entre texto, imagem, e som do blog. Juntas, essas três instâncias ainda remetem a um modo de enunciação do tipo de discurso jornalístico, comprovando que a Rede Globo deseja explorar de forma cuidadosa o potencial dispersivo e “de baixo para cima” da colaboração interativa.

Referências bibliográficas

CROWSTON, Kevin, KWASNIK, Barbara, RUBLESKE, Joseph. “Problems in the use-centered development of a taxonomy of web genres”. In: MEHLER, Alexander, SHAROFF, Serge, e SANTINI, Marina. *Genres on the Web: computational models and empirical studies*. Springer: Berlin/New York, 2004.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

LONG, Geoffrey. *Transmedia storytelling: business, aesthetics, and production at the Jim Henson company*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz A. & XAVIER, António C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PROFISSÃO REPÓRTER. Moda Sem Fronteiras. Será? [Internet]. Publicado em 17/07/2006. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/programaprofissaoreporter/2006/07/27/moda-sem-fronteiras-sera>. Acesso em: 01/05/2010.

PROFISSÃO REPÓRTER. Os primeiros passos. [Internet]. Publicado em 02/06/2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/programaprofissaoreporter/2009/06/02/os-primeiros-passos/>. Acesso em: 01/05/2010.

PROFISSÃO REPÓRTER. Profissão Repórter Semanal. [Internet] Publicado em 03/06/2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/profissaoreporter/>. Acesso em: 01/05/2010.

SALAVERRÍA, Ramon; GARCÍA A., José Alberto; MASIP, Pere. *Convergencia Periodística: propuesta de definición teórica y operativa*. Documento de trabajo original e inédito elaborado para el proyecto Convergencia digital en los medios de comunicación, 2007.

RYAN, Marie-Laure. *Narrative across media: the languages of storytelling*. Lincoln, London: University of Nebraska Press, 2004.

SHEPERD, Michael; WATTERS, Carolyn. *The functionality attribute of cybergenres: proceedings of the 32nd Hawaii international conference on system sciences*, 1999. Disponível em: <http://www.computer.org/portal/web/csdl/doi/10.1109/HICSS.1999.772650>. Acesso em: 01/03/2011.

SERELLE, Márcio. "Metatevê: a mediação como realidade apreensível". *Matrizes*. Vol. 2, n. 2, jun. De 2009. Disponível em: www.matrizes.usp.br.

Quando a notícia vai além: desdobramentos e ancoragens no jornalismo contemporâneo

Cíntia Liesenberg

O presente artigo baseia-se na busca por desdobramentos decorrentes do processo de produção e veiculação jornalísticas visando compreender como se operam e se constroem formas de ancoragem social e laços entre o Programa Profissão Repórter e a comunidade de seus enunciatários, uma vez que, observa-se contemporaneamente uma ampliação de ações relacionadas ao fazer jornalístico que extrapola o cenário da narração propriamente dita de um fato. Tal situação outorga ao jornalismo uma atuação que opera em uma esfera de articulação, intermediação ou sustentação de acontecimentos, numa face exterior ao produto jornalístico específico, mas que, no entanto, só ocorre como desdobramento do lugar ocupado pelo jornalismo na sociedade. Lugar este que se sustenta por caracterizar-se, como se lê em Mayra Rodrigues Gomes (2000, 2002), como espaço autorizado à seleção, ordenação e circulação de discursos – possibilitando ampla visibilidade àquilo que divulga e implicando nossas formas de ver e agir no mundo – e que atualmente intensifica as formas de chamar seus interlocutores a se identificar com ele, reforçando sua inscrição social.

Para o estudo, buscou-se apoio nas ciências da linguagem, que se apresentam como um lugar privilegiado para se pensar a comunicação, porque estas “possibilitam modos de conceber e de interrogar as redes midiáticas na sua especificidade de relações simbólicas” (SOARES, 2009: 108-110), permitindo entender a comunicação e a linguagem como um processo de interação entre sujeitos e que os constitui.

Nesse âmbito, o artigo toma como base conceitos e enfoques da Análise de Discurso de Linha Francesa (AD) que se centram na enunciação e na identificação de elementos que compõem a cena enunciativa, a qual permite a articulação entre a organização linguística do texto e sua instauração como evento verbal no mundo (MAINGUENEAU, 2001: 229), considerando assim o discurso como inserido no cenário maior de sua produção. Dessa forma, implica o contexto como aspecto constitutivo dos sentidos agregados a um objeto discursivo, bem como suas formas de vinculação com a sociedade ou com grupos com os quais interage ou busca interação.

Assim, para levantamento de aspectos que pudessem apontar uma implicação do enunciatário do programa, foram feitos levantamentos de forma aleatória, em caráter exploratório e em períodos esparsos, sendo a primeira busca realizada em setembro de 2009. Outras buscas também foram realizadas em março e novembro de 2010 e em janeiro e fevereiro de 2011. Foram utilizados como bases: o blog do programa, a Newsletter enviada ao público por e-mail, além de pesquisas na internet por meio de buscador, além de reportagens em que se observou alguma autoreferencialidade externa.

Entre os materiais encontrados, destacam-se dois tipos de cenas: a) a primeira, a partir de elementos de ancoragem produzidos pelo enunciador, ou seja, pela equipe do programa; b) a segunda relacionada à apresentação de iniciativas oriundas de ambientes externos à produção, seja em resposta aos apelos da cena anterior ou como iniciativa espontânea que de alguma forma implica o programa; c) observa-se ainda uma terceira cena, como instância intermediária entre enunciador e coenunciador, com ações promovidas pela empresa de comunicação que aloca Profissão Repórter, mas que não são exploradas neste estudo.

Dentre as cenas escolhidas, encontra-se uma vasta gama de expressões do processo de promoção, conquista de adesão e ancoragem do programa, apontando para uma capacidade de proliferação de iniciativas que conformam a cena maior que o constitui e caracterizam suas formas de vinculação social.

Nesses termos, a partir das diversificadas maneiras de participação de telespectadores e internautas encontradas, ainda que com pesquisa exploratória, pode-se dizer que a maneira de apresentação de Profissão Repórter atrela-se às ações que estabelece visando enlaçar seu destinatário, que esses aspectos se incorporam e constroem a figura de um coenunciador imaginário que faz eco em sujeitos, os quais, apreendidos por esse discurso e práticas, ascendem a um lugar na enunciação, respondendo aos apelos do enunciador. Tornam-se mais uma instância de promoção de seu discurso e inserem-se como agentes de novas ações, instaurando eventos que demonstram sua adesão.

Um efeito de legitimação recíproca se verifica: ao firmar laços e conquistar adesão, o programa também legitima seus coenunciadores (e o lugar que ocupam) ao inseri-los como sujeitos no espaço privilegiado que detém atualmente o jornalismo e a mídia de largo alcance.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker/Edusp, 2003.

_____. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo : Hacker/Edusp, 2000.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Portugal: Edições 70, 1994.

KOCH, Ingedor Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001 (a).

_____. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001(b).

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Editora Universidade Estadual de Campinas, 1989.

SOARES, Rosana de Lima. *Margens da comunicação: discurso e mídias*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.